

NORDESTINIDADE NA PROSA ROMANESCA ODYLIANA

Dinacy Mendonça Corrêa¹

– neste marcante 2012, comemorativo dos 400 anos de São Luís-Ma., uma notação/evocação aos 33 anos (+19.08.1979) de saudades de um maranhense – uma das mais radiantes luzes a brilhar nos céus da nossa literatura.

Uma leitura de **A Faca e o Rio** de Odylo Costa, filho, em sua narratividade, e sob o ponto de vista do Regionalismo, destacando-se-lhe a nordestinidade, ou seja, os aspectos reveladores do Nordeste Oriental brasileiro (Maranhão e Piauí), do homem nordestino, em seu linguajar, usos e costumes, tudo enfim que caracteriza o *modus vivendi* dessa região.

Palavras-chave: regionalismo, nordeste, desigualdades, paixão e morte.

Une lecture de **A Faca e o Rio**, de Odylo Costa, filho, dans la narrativité de l'oeuvre et sous le point de vue du Régionalisme, en soulignant les aspects révélateurs du Nord-Est brésilien (Maranhão e Piauí), de l'homme de cette région là, dans sa manière de être et de vivre.

Mots-clèf: regionalisme, nord-est, les inégalités, la passion, la mort.

Quem sabe o fluir da faca/ sobre a lâmina do rio,/ sabe o quanto a morte é fraca/ no seu desatino frio.// Mas quando a palavra avança/ sobre a faca, o rio e a morte,/ vem recriar na lembrança/ outro universo mais forte,// outro fica de memória,/ outro rio mais profundo/ onde eterna e transitória,/ corre a verdade do mundo.// Nessa verdade o Odylo/ em sua força mental;/ impossível poluí-lo/ manchar seu puro metal. (José Chagas – A Faca e o Rio)

Não podemos esquecer a terra natal do escritor. Apesar da radical proeminência de um texto em si sobre os aspectos a ele externos, é ponto pacífico que a obra traz em si a marca do artista – o seu estilo. Basicamente esse estilo se conforma de acordo com dois fatores – a índole própria do autor, inata, e a sua formação que, naturalmente, sofre influências do lugar onde nasceu e viveu. Nenhum artista poderá desvencilhar-se dessa sua estrutura psicológica pessoal, seja em sub ou objetivo. Isso implicaria criar novo homem, reeducá-lo e terminariamos, então, por ter um outro escritor. Mais ou menos ele expressará, ele não poderá expressar senão aquilo que tiver, seja em maior ou menor grau de ficção. Desde o instrumento linguístico, até a temática, em tudo poderemos perceber o reflexo da terra natal do criador. (Jacyntho José Lins Brandão – Presença Maranhense na Literatura Nacional. São Luís, UFMA-Sioje, 1976)

¹ - Professora da Uema (Universidade Estadual do Maranhão – Campus Paulo VI). Mestre em Letras-UFRJ, aluna do doutorado em Ciência da Literatura-UFRJ.

Formular um conceito de regionalismo, no âmbito da arte literária, não quer se nos parecer tarefa das mais fáceis, tendo em vista os fatores que conferem a uma produção literária um caráter regional. Em primeiro lugar – e de uma visão geral para os dados mais particulares – há que se dimensionar a questão sob a perspectiva de **nacionalidade**, considerando a **língua** como principal elemento regionalizador de uma Literatura, posto que “nada diferencia tanto as expressões literárias, uma vez que a língua é o seu instrumento próprio”, diz Brandão (1979, p. 17), reconhecendo que “... sendo pois diferente o instrumento, diferente será o resultado” (*id. ibid.*). E nesse contexto, “todo o cabedal de costumes, tradições e instituições do povo” deve ser levado em conta, como “elemento singularizador”, à medida que “essas fronteiras linguístico-culturais marcarão as primeiras diferenças entre as literaturas” (*id. ibid.*). A terra natal do autor, seu modo peculiar de expressar-se linguística e literariamente, a marca original da obra criada/recriada... Sem restringir o processo criativo aos postulados tainianos tempo, meio, raça, há de se convir, tais instâncias influenciam... Donde, ainda segundo Brandão (1979, p. 18), de bom alvitre será “levar em conta a totalidade do conjunto dos fatores que intervêm, direta ou indiretamente, na obra, sem querer, com isso, [...], violentar a soberania da criatividade pessoal do artista”.

Entende-se por regionalista, uma literatura centrada em determinada região, procurando retratá-la (superficial ou profundamente), em seus caracteres naturais e culturais.

Como se sabe, na literatura ocidental, o regionalismo (com ascendência no Romantismo, do qual absorveu postulados estéticos – descritivismo pictorial, exaltação da natureza, amor à terra natal...), caracteriza-se pela recriação/transposição, na poesia ou na prosa, do espaço paisagístico e ambiental, dos tipos humanos, das peculiaridades linguísticas de uma região... fatores decorrentes da cultura local.

Pode-se inferir, ser o Regionalismo um dos fundamentos da literatura brasileira, desde os seus primórdios – num país que se foi povoando em lugares distantes e diferentes, entre si, elevando-se, a referida estética, a bem dizer, a partir dos romances coloniais alencarinhas (O Gaúcho, O Sertanejo...) e da poesia gonçalvina, seguindo-se romancistas como Bernardo Guimarães e Franklin Távora... indo até o final do século XIX. Temática a ressurgir, em toda sua robustez, nos primórdios do século XX, assumida em seus aspectos físicos e sociais, numa visão mimética de prosa, em autores como Valdomiro Silveira, Simões Lopes Neto... Os Modernistas, por sua vez – e sobretudo a chamada geração de 30, no prenúncio de A Bagaceira, de Lins do Rego, estendendo-se até à chamada geração de 45, recorreram ao Regionalismo, para dar a conhecer, revelar um Brasil imenso e variado – em cor local, falares, natureza e cultura. Um pouco mais tarde, é Guimarães Rosa a transfigurar e inserir, na nossa ficção romanesca, um regionalismo, não mais apegado à idealização, ao espírito de otimismo, ao gosto pelo exótico (próprios do Romantismo), descrevendo nossa terra e nossa gente, não mais como motivo de exaltação, mas como tentativa de compreender o momento presente, as desigualdades...

Escritor nordestino², por excelência, e como tal fiel a sua terra, num regionalismo que permeia toda a sua poesia, para consubstanciar-se, mais acentuadamente, em sua prosa de ficção, no flagrar de tipos humanos seus contemporâneos, em suas interações com o meio, a linguagem, a paisagem, a cultura... Odylo Costa, filho (14.12.1914-19.08.1979) é romancista de uma única

² - nascido em São Luís-Ma., 1914, mudando-se com a família para Terezina-Pi., onde fez seus estudos básicos, do Alfabetização ao Ensino Fundamental (antigo Ginásio).

produção no gênero: *A Faca e o Rio*, “bela tragédia sertaneja” (na acepção de Raquel de Queirós), uma das mais notáveis e admiráveis da literatura nacional, sobre a qual se pronunciaram brasileiros e portugueses, quando do seu primeiro lançamento. O mestre Gilberto Amado, por exemplo, num bilhete enviado a Odylo, diz: “Li de um fôlego e estou sem fôlego. Não tenho epítetos. Extraordinário, perfeito, não dizem bastante. Só conversando”. Para Moniz Aragão (prefácio da obra, em edição portuguesa), trata-se do livro glorioso do autor, sua consagração plena, na ficção literária, marco de vitória para os 50 anos (1964) do poeta/escritor. Obra que, traduzida para o inglês (por Laurence Keets, da Universidade de Leeds); e para o alemão (por Curt Meyer Clason), chegou a incursionar pelo cinema, filme aplaudido que foi, na versão de George Shuizier.

Nesta oportunidade (e num processo interdisciplinar de leitura), proceder-se-á um breve estudo crítico/análítico, da obra em apreço, a partir das unidades estruturais do enredo, pondo sempre em evidência a nordestinidade, ali presente, característica marcante em toda a arte literária desse escritor maranhense.

Genealogia da obra

De pai para filho, segue a história, no rotação dos dias, na translação dos anos... e três gerações perpassa, integrada ao folclore familiar odyliano... No princípio, Odylo Pai contava-a para Odylo Filho; agora é este quem, por sua vez, conta-a a Odylo Neto (Odylinho...) como que tentando, no fio narrativo, restabelecer o fio da convivência brutalmente interrompido... Ora, Odylinho a ouviu, “já de segunda mão – em narrativa incompleta como incompleta ficou a sua vida, quebrada como a haste de um lírio, pela bala assassina de um assaltante vulgar” (Moniz Aragão, 1974, prefácio da obra, p. 09). E queria-a terminada. Vai então, que Odylo, pai saudoso, mergulha profundo no rio da memória, em busca da narrativa que ouvira em criança, para satisfazer, postumamente, um desejo fatalmente reprimido. E ei-la, a história, *fruto acabado e perfeito*, emersa da lembrança e da saudade, que faz eclodir o veio poético do mestre. E aí está o ponto de convergência entre a poesia e a ficção romanesca em questão...

Tema

A prosa de ficção odyliana vem a lume na temática da paixão e morte mas (contrariamente aos acordes da sua lírica), sem a glória da Ressurreição. E aí está o ponto de divergência entre o romance e a obra poética desse escritor nordestino (marapiauiense): se, na poesia, o amor se faz heróico, imortal e redentor, o mesmo não se dá na prosa, onde a paixão – tema central de *A faca e o rio* – sucumbe, vencida pela morte. E, no paralelo das temáticas, deduzida e intuída, mais uma lição do mestre Odylo: o amor leva à vida; a paixão traz a morte. A paixão, porque humana, finita, é precívél, incapaz de vencer a morte; só o amor, porque divino, infinito, eterno e verdadeiro, tudo pode. O amor vê – o outro; a paixão é cega (porque egocêntrica). Destrói... “Somente o amor constrói!”

Enredo

O enredo desenrola toda a linha evolutiva da paixão de um ancião por uma adolescente, bela e submissa, culminando com a fatalidade das tragédias gregas. *A morte paira no ar* e brilha, sinistra, na lâmina afiada... na mão assassina. Trazida pelo ciúme, vem traiçoeira, implacável, destruidora. É o fim do (antes, aparentemente, tão pitoresco) idílio entre João e Maria.

Aliado à criatividade ingênita do autor, compõe o enredo o somatório das experiências por este vivenciadas na infância e que a memória vai gravando e arquivando nos arcanos do subconsciente. Assim, tem destaque, na trama narrativa, o protótipo do caipira nordestino, o ingênuo e vaidoso “novo-rico”, que volta da Amazônia (o “inferno verde”) para o Nordeste, a impactar os conterrâneos na nova situação. João da Grécia é um desses “heróis”. Protagonista de uma aventura na Amazônia é, ao mesmo tempo, antagonista de uma (des)(a)ventura pelo rio, sobre cujo leito vai seguindo, levado pela correnteza oscilante e contraditória da vida.

É a alma do Nordeste a encarnar-se na obra de Odylo, fruto agreste de uma vivência/convivência com o meio, que tão bem soube ir moldando seus tipos característicos, esculpindo-os, a sua imagem e semelhança, imprimindo-lhes os signos de autênticos caboclos da região – que Odylo transpõe magistralmente para a Literatura, decalcando-os, do natural.

Resumo

Velho e solitário, João da Grécia resolve casar-se novamente após vinte anos de viuvez. A noiva é Maria – jovem cabocla de apenas vinte anos. João a conhece desde bebezinha. O juiz, amigo a quem vai participar o intento, argumenta sobre a idade do noivo em relação à beleza e juventude da noiva: “[...]. Você soma os meus anos e os dela, está se ariscando muito” (p. 38). Este, impetuoso, contrapõe-se: “Doutor, não calçando perneira nem metendo gibão não vou caçar boi no campo. Ou compro poldro novo ou cavalo velho não compro. Fui casado com mulher velha, se agora fizesse o mesmo estava mal. Tiro um espinho, boto outro. Tirei? Tirei não” (p. 38).

Casam-se. Maria não quer viver na roça. João abre, na feira, uma barraca de garapeiro e decide ir morar na cidade, mas só por uns tempos: “Maria é muito moça, aqui tem muita festa” (p. 41) – explica. Com o dinheiro das onças que matou, mais o que apurou na garapeira, compra (do juiz) uma propriedade distante, muito longe... além do rio, para onde se muda com a esposa.

Dois anos de casados e não vêm os filhos aspirados. Chegaram até a ir, juntos, a São Raimundo dos Mulunduns, pedir a graça da fecundidade e não adiantou... Não sabem mais o que fazer. João comenta com o juiz: “É, já que o filho não vem, ao menos uma compensação vou dar a Maria. Vai ter vida de moça rica” (p. 60). Para tanto, se vai, com destino à Amazônia. Lá chegado, diz: “Vim só enricar” (p. 69). Rico, volta a sua terra, depois de cinco anos. Cheio de presentes para Maria – que deixara em casa, no sítio, em Humaitá e ali supunha e queria, mesmo, encontrá-la, esperando-o... Contrariamente a esse seu desejo, ela está morando com a mãe e tendo, sempre ao seu lado, inseparável, uma garotinha... A sogra explica: “Essa menina tem sido

o consolo dela. Você se lembra da Luísa? Fugiu de casa, deixou essa menina, Maria está criando; se pegou com ela” (p. 92). João... só finge que acredita. Desconfiado, sente-se traído.

Voltam para casa, seguindo o leito do rio. Antes, porém, João comprara uma faca especial – prata e aço – e mostrara-a, a Maria, dizendo: “Esta faca é pra te matar” (p. 94). Maria ouve, intimamente perturbada, mas permanece em silêncio, na dúvida. Estará mesmo, o seu marido, falando sério?... Realizará, mesmo, João da Grécia, esse pavoroso intento?... Mata-a – em pleno idílio, sobre a areia do caminho. Fere-lhe o peito e a doce entrega cheia de esperança...

Sem voltar-se para trás, caminha dez léguas selva a dentro, noite a fora. Vai entregar-se ao juiz. Cumpre vinte anos de prisão. Um dia, discute com um outro preso, seu companheiro de cela. Este puxara o nome da finada – sacramento de João. Parte para cima do outro com fúria mortal. É questão de vida ou morte e o companheiro, para não morrer, mata: João. A faca vazalhe os intestinos, cumprindo a profecia do provérbio: “Quem com o ferro fere, com o mesmo ferro será ferido”... Antes de expirar, o moribundo expressa um último pedido: ser enterrado com decência, ao lado de Maria, “em chão de Deus” (p. 181), sob uma pedra e uma cruz.

Da sintagmática narrativa

Foco narrativo híbrido (primeira e terceira pessoa), a obra se inicia em *flash-back*, num preâmbulo em que, num “à vontade”, o narrador vai situando o leitor no desfecho da história, mas a partir do momento em que trava, com esta, o primeiro contato. Abre a conversa natural e confidencialmente, usando o pronome *eu*, em tom coloquial e, num rasgo de simplicidade extrema, põe-se, como que fraternalmente, face a face com o leitor. A conversa é de “próximo para próximo” – e ele é um ser humano igual a todos. Confessa: “Eu, em verdade, já furtei. Quando menino, furtei moedas” (p. 19). Adiante, diz: “Estranhei o carão. Por tradição imemorial na casa, os níqueis eram nossos” (p. 20).

Começa falando das moedas, no furto inocente, pois fora através destas que conhecera a história... Antes de fechar o preâmbulo, mostra a fala do pai, concluindo a censura: “Esse dinheiro é do João da Grécia” (p. 21). Só então, apresenta o (anti)herói, na sua visão infantil, conforme o conhecera, no seu tempo de criança. No fim, mostra-o, vencido, passando na estrada, carregado numa rede, moribundo... e informa: “só muito tempo depois meu Pai me contou a história” (p. 22).

A partir do primeiro capítulo, é que a narrativa segue a ordem cronológica dos fatos, vindo de um tempo remoto para um passado mais recente, em linha ascensional, mas narrada em tempo presente, num processo mnemônico de retroação temporal, através do qual o autor mergulha de cabeça nos *tanques da meninice* e, como criança, desfia a história da maneira como esta lhe foi contada pelo seu genitor. Neste caso, é mister ressuscitar a figura paterna, fazendo emergir toda a série gradativa dos eventos.

Contando em primeira pessoa, o narrador, homo/hetero-diegético, não vem a ser o protagonista, tampouco personagem integrada ao enredo, mas apenas um relator do que ouviu contar, ou seja: um mero narrador-observador. Tudo o que viu e ouviu ficou dito no preâmbulo. Quando, em primeira pessoa, imiscui-se na história, nunca é para falar de si mas, simplesmente,

para narrar. A história é a de João (personagem central, o protagonista/antagonista) e Maria... A narrativa, portanto, apresenta dois focos distintos, primeira e terceira pessoas. Em terceira pessoa, são narrados capítulos inteiros, sem a mínima intrusão da primeira, que só aparece de longe em longe, no correr do fluxo narrativo. Veja-se, por exemplo:

O Trem

O trem custa a sair.

Os carros da primeira classe são forrados de palhinha: mas cai fásca neles como nos outros.

Estudantes de volta às férias quebram bacuris nos caixilhos das janelas.

Na primeira estação, João desce, traz grandes laranjas maduras:

– Você quer, Maria?

Maria quer.

2

João pede emprestada a faca do vizinho do outro banco. Divide as cascas em cruz, devolve a faca, descasca com dedos ágeis como se despetalasse uma flor.

Maria se lembra da faca nova. Hesita, mas se decide:

– E a faca nova, seu João, você esqueceu?

– Aquela eu já disse que é pra te matar...

Pára um pouco, sorri, passa a mão de velho (sempre forte), a mão de anel de ouro e solitário, no cabelo dela:

– Mas, só quando chegar lá em casa.

(não a beija na boca: tem muita gente, estudantes em alvoroço a quebrar bacuri nas portas, podem mangar dele. Mas seus olhos contemplam a moça com desvairado amor – p. 100).

Capítulos como este, narrados em terceira pessoa, são observáveis, no percurso narrativo da história.

Um fragmento em primeira pessoa:

Quando me dei por gente, reparei que meu Pai não era homem de pescarias ou caçadas. Mas, infalivelmente, passavam por ali, em idas e vindas, para ouvi-lo sobre espingardas e anzóis, mostrar-lhe os fidalgos mais frescos ou a paca mais gorda.

Só homem feito, compreendi: sua última caçada fora no dia em que Maria de balde o procurara. Batera à sua porta. Ele fora caçar (p.170-171).

Os recursos expressivos/comunicativos são variados, no conteúdo em que se estrutura a narrativa. Dentre estes, a técnica descritiva é uma constante, dado o pinturesco, o paisagismo da obra. Assim é que se vê, por todo o seu descortinar, o Nordeste, exposto em quadros, numa variedade de tipos e de cenário ambiental. Com naturalidade, o autor vai descrevendo, por exemplo:

- uma cidade, numa determinada época...

1904

A pequena cidade de São Francisco, nas margens maranhenses do Rio Parnaíba, setenta léguas acima de Teresina.

O rio. No rio, as gaiolas e as canoas. No rio, as barcas e as balsas de buriti [...].

A pequena cidade. O mercado. Perto do mercado, caboclos rodeiam uma pequena barraca. É a barraca do garapeiro (p.42).

- uma noite de tempestade...

Noite de tempestade no Olho d'água da Prata. Há tanto raio, chuva, trovão, que até bicho do mato espantado entra, em casa minha mãe acha duas cobras na varanda, e o peitoril, quando por instantes estia, fica aceso de vagalumes. As lagoas enchem depressa, soluçando grosso, e a lagoa das Contendas, lá para a meia-noite, sangra com força.

Nos paris, deixando a chuva escorrer no corpo, os meninos vão buscar, de manhã cedinho, as curimatás prateadas, de três palmos ou mais, que sobram entre os piaus, sarapós, lampreias, mandis, mandis sapos, mandis de carro, cascudos (p. 26-27).

- São Luís – a capital maranhense, a erguer-se entre ladeiras, sobradões, azulejos e telhados velhos...

São Luís é a cidade das ladeiras povoadas de sobradões de azulejos com telhados velhos. Não há alma que se feche à serena alegria da paisagem de sol, azul, cal, madeira, janelas, paredes luminosas, a suavemente mergulhar nas águas (p. 64).

- o ambiente noturno do rio...

Na noite andam luzes: canoas de fundo chato, os lampiões escondidos debaixo do banco da popa (p. 101).

- um semblante numa fisionomia

Ri com um bigode de pontas compridas no rosto preto, onde uma barba rala se pinta de branco (p. 102).

Ainda:

Ri para o marido dela, um riso de dentes alvos na boca que masca fumo (p. 104).

- um tipo humano:

Era uma pequena mulher, conversadeira mas enérgica, de uma beleza magra e limpa (p. 120).

- uma cena descritivo/narrativa:

Oh! o belo gesto antigo da despedida: Maria se ajoelha, toma bênção de joelhos:

– Bênção, minha mãe.

– Deus te abençoe, minha filha. Deus te faça feliz.

Maria olha devagar para a menina. Não diz nada. Abraça. Beija (p. 97).

Em meio à descritividade, segue a história, apresentando, por vezes, lances puramente narrativos, como no trecho a seguir:

Na quinta-feira a febre piora, os calafrios são cruéis.

Maria pede a João que lhe segure os braços, as pernas, amarre bem forte.

A febre sobe ainda mais, Maria quase desacordada, quase não fala.

João redobra de cuidado. Não cansa. A todo momento um piramido, um chá de laranja, uma aspirina. E o febrão queimando (p. 144).

Um flash narrativo/descritivo com jogo cênico:

O Barão encalha de novo.

Entre a barra e a beira do rio, o poço é fundo, bom de nadar. Maria não resiste: joga-se na água. Não nua: mas a anágua não lhe esconde o corpo moreno, cuja cor não se confunde com o remanso barrento, que às vezes larga para tentar lutar contra a corrente.

Mas a correnteza puxa com força. Não é fácil ir contra o velho rio poderoso. E ela volta ao remanso.

João fica vendo aquele jogo uns momentos até que alguma coisa nos olhos dela diz que é inútil resistir.

– Vem, seu João!

E sorri.

Não precisava ter falado. O caboclo se joga no rio. O braço forte fende a água. Ele nada, ela foge, ele pára, ela volta.

Gargalhadas, mergulhos, corpo no corpo (p. 151-152).

Em sequências narrativas, a linguagem coloquial, a imprimir, na história, um caráter semiteatral: seja na dinâmica dos diálogos; seja na expressividade dos gestos, suscitados pela criatividade do escritor. Alguns exemplos:

diálogo direto

Gertrudes pergunta:

– Por que não trouxe a Maria para ficar aqui com a gente?

– Não, isso não. Ela tem a casa dela, o sítio pra cuidar. É mulher casada, tem a casa dela, não lhe falta nada.

– Vou mandar buscar minha filha para a casa da mãe dela. Não vou deixar a Maria sozinha naquele sertão de onça.

– Pense nisso não, dona. Ela agora não é mais sua filha, é minha mulher. Faça isso não que vosmicê se arrepende. Ela não é asa branca da chapada que não tem dono. Sacramento de Deus deixou ela mais marcada do que ferro quente em bezerro novo.

– Ela vai é passar fome.

– Deixei dinheiro com ela. Antes de um ano estou de volta – mais rico do que rei de história de Trancoso (p. 62).

diálogo indireto

Quando chegam em casa, conversa com dona Gertrudes, afetuoso. Está rico.

Quer levar a mulher de volta para São Francisco (p. 91).

O desafio regional, nos gritos trocados de uma margem a outra, é também uma forma de diálogo:

– *Barriga-de-branquinha!*

– *Papa arroz!*

– *Papa bode!*

– *Comedor de caranguejo!* (p.131)

E os gritos de apelo demorados, insistentes:

– *Passadooô! Passadooooooooor!* (p. 131)

Ainda, estruturando o enredo, a técnica epistolar e telegráfica, da linguagem (correspondência trocada entre autoridades). A voz narradora intromete-se no curso da história, para apresentar esses gêneros textuais, respectivamente:

Meu tio recebeu a carta, procurou o governador.

A carta dizia assim:

Compadre:

Há muito tempo que não lhe escrevo, mas surgiu um motivo muito especial.

Esteve por aqui aquele caboclo de Balsas, o João da Grécia, gente da amizade do seu irmão. Chegou, como sabe, remediado. Ficou rico, não creio que tanto quanto dizem, mas rico: de colete e anel de ouro [...].

[...].

Voltou porque se envolveu aqui num grave conflito: fechou o cabaré a faca e quase mata um parceiro, homem de sua idade [...].

[...].

Agora, porém, tenho um pressentimento de que os ciúmes do velho podem levá-lo à loucura. Talvez fosse bom avisar seu irmão e as autoridades do Piauí e do Maranhão, para precauções que a prudência impõe.

[...].

Abraços do amigo e compadre” (p. 137 a 139).

Telegrama (na apresentação do autor):

O telegrama diz:

Oficial Palavras n.º

Governador Estado Teresina

Atendendo recomendação Vossência ouvi indiciado e passageiros Barão Grajaú sobre acusação relativa João Bernardo Gomes vulgo João da Grécia atentar contra a vida mulher pt João nega energicamente pt Passageiros unânimes declaram tratou esposa durante ataque impaludismo pt Diante desses depoimentos deixei-os seguir viagem vizinho Estado pt Aguardo instruções Vossência fazê-los cumprir pt Saúde e fraternidade Doutor Genésio Furtado Juiz Direito da Capital em Comissão especial na Comarca de São Gonçalo do Amarante (p. 164-165).

Dividido em capítulos, subdivididos, estes, por assuntos, em trechos numerados, a narrativa se vai processando, com a naturalidade própria da história e dos tipos que a viveram, em toda a autenticidade característica da região e da época que lhe deu origem.

Ambiente/ação/tempo

Caráter acentuadamente pictórico, a Faca vai recortando, retrazendo o colorido, captando e expressando/revelando a exuberante paisagem do Nordeste, que compõe o ambiente físico onde se desenrola toda a ação protagonizada pelas personagens na trama do enredo. Dessa maneira é que os eventos não acontecem em cenário único. Grande e variado é o Nordeste!

Tudo tem o seu desenrolar em São Francisco, cidadezinha do interior “piauiense”, às margens maranhenses do rio Parnaíba, onde João se casa com Maria (na lei dos homens e na lei de Deus – ela de véu e grinalda, ante o altar da Virgem). Depois, é o sítio, em Humaitá (onde João chicoteia o rosto de Deodato, filho de criação, com ciúmes de Maria), que espacializa o movimento.

Ora é São Luís, “cidade das ladeiras povoadas de sobradões, azulejos e telhados velhos” (p. 64). Ora é a floresta amazônica, onde o herói chora saudoso, no aboio magoado. Um navio, um cabaré... Um trem, um mercado em Teresina... Uma loja – onde João compra a faca ameaçadora. E o rio, o grande rio, cenário líquido, sobre o qual desliza, mansamente, a história, arrastando as personagens, no curso da tragédia. Uma lancha... onde o esposo desvelado salva a esposa vitimada de sezão. Um batelão... onde a esposa, olhos de esperança, recebe do esposo o vinho doce de cajás com leite. A correnteza do rio... convite irresistível ao banho promissor e divertido do casal. A ermida solitária, no caminho, onde Maria faz a sua confissão, enquanto vai seguindo, submissa para o matadouro, tangida pelo seu vaqueiro... O areal. As grutas por onde corre a “Água Azul” (p. 175), que batizou o espaço que antepara o clímax da tensão dramática da história: onde a heroína, coração ferido, expira, sem nenhum gemido: “escancara apenas os olhos como se fosse engolir o mundo” (p. 176)... tudo é cenário a guarnecer o ambiente – o Nordeste Oriental, em todas as peculiaridades da região.

A ação lenta, quase estática, a deslizar passo a passo, no tempo e no espaço, no compasso do rio (rápida, só quando para trazer a morte e ferir sem dor), vai preenchendo o ambiente físico, em tempo normalmente cronológico. Só nos pensamentos de João, o tempo e o espaço psicológicos – e Maria os ocupa por inteiro, nos devaneios do “herói”, quando em aventura pela Amazônia. Ele mesmo o confirma, respondendo à pergunta da esposa, no reencontro:

– Você se lembrava de mim, seu João? Voltou por minha causa?

E ele no desajeito de confessar:

– Vivi cativo de um só pensamento. Com um corpo de mulher no pensamento. Pior do que preso. Pior do que no tempo do cativo.

(Não gostava de dizer que fora cativo) (p. 90).

É de se ressaltar, entretanto, que todo o processo de gestação e parto da história ocorre em tempo psicológico, na mente do narrador que, em reminiscências, vai rememorando-a e transpondo-a, ao espaço literário, conforme a ouvira do pai, em menino...

Tipologia das personagens

As personagens, já o foi sugerido, são nordestinas, tipos comuns à região que integra os estados brasileiros do Nordeste Oriental, Maranhão e Piauí. Siderando todo o elenco, estão João e Maria, coadjuvados por toda uma série variadíssima, que compõe a paisagem humana do enredo. Assim, ao longo da narrativa, desfilam: vaqueiros, seringueiros, passadores, tripulantes de embarcações, feirantes, brincantes de Bumba-meu-boi... Autoridades civis, militares, eclasiásticas. Representantes familiares: mãe, sogra, irmã, madrinha... Ainda que alguns, apenas transparentes (não aparentes), no discurso do narrador ou das personagens significativas, todos caracterizam uma época e uma região.

João e Maria são os protagonistas ou personagens centrais. Atraídos por força dos contrastes, reunidos à tragédia, quiçá, num pré-determinismo circunstancialmente imposto, são os responsáveis pelo suspense da história. Na função recíproca de protagonista e antagonista, representam o quadro típico da mocinha e do vilão. Posto que, na tentativa obstinada de salvaguardar o seu estereotipado senso de dignidade, João revela-se de uma crueldade sem limites para com Maria, enchendo-a de esperanças para assassiná-la, de surpresa e traiçoeiramente, em pleno idílio conjugal. Faz lembrar, no auge da perfídia, a figura do “bicho-papão” das histórias infantis: temido e ao mesmo tempo desejado, das crianças. Maria é (foi) uma criança igual às outras. Teme; mas quer ver de perto a imagem, por ventura arquetipada na infância, condicionada por reflexos, no fundo do inconsciente. Eis que se deixa seduzir/conduzir, resignada e submissa, para a morte – como rês a seguir, subjugada e indefesa, para o matadouro. Os motivos deste seu procedimento são complexos, como igualmente complexo é o comportamento mútuo destes dois personagens, cuja tentativa de análise enseja uma gama variadíssima de leituras. Para uma mais límpida compreensão da problemática, proceder-se-á, no presente item, uma despreziosa leitura psicanalítica, de caráter meramente impressivo, enveredando, assim, superficialmente, pela psicocrítica (método de crítica literária, inspirado pela psicanálise) e no espelho do complexo de Electra – termo usado na psicanálise, numa proposição de Carl Jung, como contrapartida ao Complexo de Édipo, designando o desejo da filha pelo pai – desejo que Freud prefere identificar com o termo complexo de Édipo, tanto em relação a menino como a menina.

Perfil de João da Grécia

A história focaliza este personagem sob vários ângulos, segundo a perspectiva de cada um dos integrantes da narrativa. O narrador é o primeiro a dar o seu ponto de vista:

Ora eu conhecia João. Era preso, mas vivia solto. Não havia ninguém melhor para menino. Fazia gaiola de buriti, armava arapuca, ensinava soltar pião. Papagaio feito por ele subia mais alto. Conhecia o lugar do rio onde se podia banhar sem perigo de piranha e apanhava no mato araçá, puçá e bruto (p. 21).

O primeiro capítulo da história é-lhe, inteiramente, dedicado e vem a revelar, mais ainda, sobre o seu caráter, através do discurso do autor, baseado nas informações do Pai:

Meu pai conheceu João quando chegou à comarca.

Juiz novo, muito capanga solto, quiseram dar-lhe João como guarda-costas. Recusou [...] (p. 25).

Vaqueiro e matador de onça, João tem ainda outras habilitações: passador, pescador, roceiro, garapeiro... O apelido vem de “umas terras entre o sítio Escuro e o Olho d’água da Prata no cantinho do Buriti Só. Um socavão no mundo, morro e brejo” (p. 25). Lá, fora vaqueiro por muitos anos, até que um dia, sentindo-se injustiçado na partilha do gado (era de 88), desentende-se com o patrão e faz justiça à sua maneira: segura uma rês à força e aplica-lhe sua própria marca desenhada a faca – pega dois anos de cadeia. Ao mudar-se dali, leva consigo, como patronímico, o toponímico designativo das terras.

Mas (voltando à palavra, o narrador)...

não era violento, antes paciente. Meu Pai, conhecendo o homem, afeiçãoou-se a ele. Viu que era forte como era bom, só que a injustiça o revoltara por demais. Acabou de cumprir pena, foi ficando ali. [...]... era um velho viúvo, as filhas casadas longe, espalhadas no mundo. Com ele, morava apenas um menino de nove anos. Deodato, filho de criação, que tinha em João ao mesmo tempo mãe, pai e companheiro de brinquedo (p. 26).

Eis uma faceta curiosa deste personagem forte e bem talhado. Mais tarde, ele mesmo é quem se identifica – origem e procedência – em conversa com o juiz, seu amigo pessoal:

Sou da raça de índio, minha avó foi pegada a laço nas terras do Pão de Açúcar. Fui cativo, suei no eito, sei o que é sol comendo no lombo da gente. Mamei até os quatro anos em

minha mãe que era ama-de-leite do finado Tenente Zuza do Brejão. Vou viver mais do que o velho Joaquim, que tá de cabeça branca e ainda tira mel de Jataí (p. 39).

Com essa apresentação, talvez esteja querendo insinuar que ainda é muito homem (ou mesmo “muito macho”) para casar com Maria...

Como se vê, João da Grécia parece não ser, por natureza, um mau caráter. E poderia, mesmo, representar o *beau sauvage* à Rousseau. Com efeito, refletindo-se na esteira das informações colhidas, é possível constatar que se trata de um homem puro, por princípios, mas que não veio a ter um relacionamento dos melhores com a alteridade, no convívio social, advindo-lhe (talvez) em consequência, a revolta íntima, o endurecimento de coração, o desvio de caráter e de personalidade. Descendente de índio – tendo por vocação ingênita o coração aberto para a liberdade – foi cativo. Sofreu injustiça social quando enganado na profissão exercida com hombridade. Foi preso, por dois longos anos, sem motivo justo. Ferido no ideal mais sagrado (liberdade e justiça), estigma da supremacia humana, possivelmente fora acumulando uma grande revolta (e o próprio juiz o reconhece e dá fé: “a injustiça o revoltara por demais” – p. 26), pronta a explodir a qualquer momento, instigada pela gota fatal. A vida lhe fora ensinando a ser desconfiado e duro. A propósito, ei-lo, que cala, consentindo, apoiando a alternativa do vigário, na conversa entabulada no caminho:

– [...] *Confiar desconfiando [...]. Confiar por inteiro só em Deus (p. 111).*

Velho, viúvo, ex-cativo e preso, violentado que fora nos seus brios de pessoa humana consciente, autoestima comprometida... tudo indica ser esse personagem portador de um grande complexo de inferioridade – ainda que velado sob o manto da coragem, do machismo, até mesmo das boas e generosas atitudes. Sobremaneiramente, agora, que está casado com Maria e sabe que tem idade para ser seu pai, até mesmo seu avô... Frustrado no instinto natural de macho – gerar filhos na mulher possuída – tem, dentro de si (e agora embrutecido no complexo de senilidade) um vulcão, extinto só na aparência, pronto à erupção.

Exímio matador de onça – veja-se o trecho de sua conversa com o juiz:

– *Deixe de história, João. Quantas onças você já matou este ano, a dez mil réis cada uma?*

– *Cincoenta e três, seu doutor. Veja aqui de cinco em cinco [...].*

– *E tudo pegado a faca?*

– *Todas elas seu doutor. Os cachorros acuam, eu fico espiando a onça. É preciso muito cuidado para ver de que lado ela incha pra armar o pulo. Se a gente atacar do lado que ela vai pular, tá perdido. Mas até hoje não perdi, tive o gosto de sangrar as cincoenta e três malvadas (p. 45-46).*

Atente-se para a expressão *tive o gosto de sangrar*. E pondere-se: tirador de piranhas da loca, acostumado a domar a natureza dos bichos, calcando-os nos seus pontos fracos, vai entendendo, desde cedo, que a filosofia de vida, na sociedade civilizada, não é assim tão diferente daquela experienciada na selva: ou se doma ou se é domado; ou se domina ou se é dominado... Voluntarioso, forte, seu destino é domar. Dominar. Subjugar. Conceito apreendido dos bichos, com os quais mantém um contato mais estreito, não lhe sendo, pois, difícil, por analogia, integrá-lo à dimensão humana, principalmente em se tratando da mulher – tradicional e culturalmente “a parte fraca”, passível de dominação e sujeição. Machista por excelência, pode ser considerado o protótipo do brasileiro nordestino, do gênero, à sua época. Eis como se reporta à representante feminina de sua espécie:

– *Mulher amansa na mão de quem sabe lidar como piranha na loca. Mas, se não presta, continua a morder, e o jeito é partir a cabeça [...]*(p. 117).

Quando se decide a casar com Maria, o faz guiado pelo mesmo espírito indômito e voluntarioso com que costuma autoafimar-se, em superioridade, ante os bichos:

Mulher não quer casar, casa, na cama acostuma – como novilha acostuma com a malhada (p. 40).

E quando o juiz, amigo, o adverte de que “não sabe o que é uma menina de dezoito anos”, responde com provérbio:

Ela está com vinte. Cavalo quando novo e corredor quer tirar meia-légua, a gente tira um quarto, ele abaixa a quentura (p. 38).

Sempre a tecer analogias entre a mulher e os animais que conhece e domina, não os protegendo, mas subjugando-os, tão bem.

A paixão indômita e cega por que foi tomado de assalto, pela moça que bem poderia ser sua neta, parece regrada por dois sentimentos, ao mesmo tempo contraditórios e análogos. Porque, ao lado do amor carnal, que sente pela jovem e bela sertaneja, está, vigoroso, ainda que latente, o amor paterno inconsciente. Ele a quer de duas maneiras: como mulher e como filha (e/ou neta). Maria, pois, parece ser, para ele, a mulher completa, a mulher ideal, capaz de satisfazer-lhe, os dois (ou até três) instintos ainda latentes, ou mesmo bem vivos: o de homem e o de pai (e ainda o de avô)... Eis o tônus psicanalítico da história, onde se pode vislumbrar, implícito, um certo complexo de Electra, comum a estes dois personagens. Portador de um tal

complexo desses, João da Grécia não terá outra saída. Só Maria poderá servir-lhe como esposa, ideia a que se prende, com obstinado capricho:

– [...] *Casava com ela doutor, nem que outro já tivesse conhecido e estivesse na casa do sem jeito. Nem que não servisse para ninguém, para mim servia* (p. 40).

“Nem que não servisse para ninguém, para mim servia”, afirma, obstinado, o ancião. Ele, que sempre amara as crianças, paciente e cheio de ternura que sempre o fora para com estas... Agora que está velho e que, talvez, por intuição, o subconsciente o avise de que não mais será capaz de gerar um último filho... Casando-se com Maria, que conhece desde nenezinha e de quem quase fora pai, estará realizado. Ao lado da mulher feita, estará sempre a imagem da criança, da filhinha/(netinha) a quem pode(rá) dar e de quem pode(rá) receber carinho. Não; mulher velha ele não quer para desposar. Ei-lo a confirmar a assertiva, já depois de casado:

– *Tirei uma ferpa velha do pé, ia botar outra? Queria era menina nova* (p. 124).

Maria é, pois, a sua mulher/menina, sua menina/mulher. Adulta, ainda conserva o jeitinho de criança frágil e desprotegida que, parece, tanto o fascina. E ei-lo, pai desvelado, cuidando da filhinha, protegendo-a, nesta cena:

O médico de bordo receita umas injeções de azul de metileno.

Acontece, então, que quando vai meter a agulha, a vela vacila na mão direita de João, mas, antes dos pingos caírem no corpo de Maria, a outra mão do velho avança rápido, a cera borbulha na pele cheia de veias.

João não tem uma palavra, um gesto aborrecido.

Na mesma noite, o doutor comenta na roda de jogo:

– *Esse homem é de ferro. Cera quente tem quase cem graus. Foi a primeira vez que vi queimar gente sem a pessoa gritar.*

Quando Maria acorda no meio da noite – pela primeira vez sem febre – João está perto. Ela se move, ele se levanta. Pega no pulso, não tem febre.

O sorriso dela não é de moça: é de criança desamparada. Quantas camisas de dormir suou, quantas ele mudou. Diante daquele jeito infantil de agradecida entrega, João bota a mão na dela, fala:

– *Você foi mais forte que a sezão* (p. 145-146).

Na conjuntura destes sentimentos, está evidenciada a natureza de João da Grécia: concentrada, ativa, forte. Capaz de levá-lo a uma paixão tardia, possessiva, exigente de exclusividade. Ainda que, ao mesmo tempo, generosa, no anseio de suprir, com a riqueza, tudo o que, na sua limitação, não esteja (por ventura), na iminência de abastecer. Assim, concebendo o amor uma simples troca de interesses mútuos, decide ficar rico. O complexo de inferioridade, ora inerente a sua condição, aguçado pela certeza de saber-se já um tanto quanto senil e estéril, estimula-o, mais ainda, a cumprir o decidido. Ao mesmo tempo em que deseja compensar a si mesmo e a esposa da frustração de não mais poder ter filhos, quer autoafirmar-se, como que baseado no velho adágio: “o dinheiro encobre tudo”. Todavia, esse mesmo amor que o impulsiona a realizar tais aspirações, envenenado pelo ciúme, exige, estruturando-se em equivocados princípios éticos, a morte da mulher amada (supostamente adúltera), para “lavar com sangue a sua honra”, que acredita manchada de opróbrio e vergonha. Em laivos de desespero, o personagem deixa transparecer, não só a desconfiança que o aniquila, como a razão da mágoa que o devora:

– Vamos, Maria. Vamos para sua casa, dona. Você não vai mais viver em casa alheia, nem que seja de sua mãe. Nem vai dar mais seu nome a filha dos outros.

Censura? Esperança? Ameaça? Como precisar o sentido destas palavras, se ele até ri, ao proferi-las, na hora da partida?... Tudo se configura num enigma indecifrável... No enunciado a seguir, que traduz a sua discussão com a velha Ana, protetora de Maria, no entanto, tudo se torna mais claro. Veja-se o trecho:

Ana reclama de Maria:

– Volta pra junto dele, volta e não te arrepende sua idiota! Ele termina mesmo te matando. Você sabe lá o que é ciúme de velho?

Ele cresce para Anã num ódio solto:

Mato ela e mato você, sua cachorra. Bicho é que não espera o dono dentro de casa.

[...]

E digo mais: não mato de tiro, não. Não sou de atirar em ninguém Deus me livre, Deus me perdoe, graças a Deus. Mas ela não é uma qualquer. Ela é minha mulher, que se juntou comigo no altar de Nossa Senhora, na Igreja de São José, foi comigo pagar promessa em São Raimundo dos Mulunduns. Mato de faca! Já comprei a faca, é verdade. Mas não mato ela aqui não. Você fique descansada que ela só morre quando chegar na nossa casa. Na casa que ela não quis (p. 117-118).

Na viagem de volta, à bordo da lancha, ele torna a confirmar o que a todos parecera brincadeira e que Maria não levara devidamente a sério... Acompanhe-se:

Uma noite João pára diante dela, um sorriso cruel no canto da boca. Trata-a por tu, o que não fez nunca. E diz:

– Tu podes dormir sossegada, mulher. Só te mato quando chegar lá em casa (p. 132).

Os anos de solidão, curtidos na Amazônia, podem ter sido os responsáveis pela suspeita venenosa que se foi inscrutando no seu íntimo. E, para cumprir o que para ele significaria a última e insana prova de amor, é que comprara a faca. Não uma faca comum, visto que não será para matar um inimigo ou quem quer que seja: trata-se da mulher que ele amou até as raias da loucura. Tem que ser, pois, uma faca especial – punho de prata e lâmina de aço – bom, afiado, e penetrante. Apta a ferir rápido, matar sem dor.

Eis a última prova do seu transviado/tresloucado amor. Ao matar a esposa, tem a intenção de uni-la a si, para sempre (ele que, a bem dizer, já está morto, consumido pelo desespero – embora o desejo da carne, aliado à sede de vingança, o conserve ainda semivivo). É o que dá a entender no diálogo mantido com o padre:

– E a mulher, como achou?

– Vou levá-la para um lugar onde a gente não se separa mais (p. 111).

De qualquer maneira (e muito sua), mata-a por amor.

João da Grécia, na verdade, ainda não completara todo o aprendizado na Escola do Amor. Não atingira, portanto, o estágio ideal de maturidade, circunscrito na pedagogia do Amor. Amor à Odylo Costa, filho... O seu, como se pode deduzir, é o típico amor carnal, restrito ao plano terreno. Ao juiz, a incumbência de uni-lo a Maria, na mesma terra, sob a mesma lápide, sob a mesma cruz. Unidos pela terra, transformados no mesmo pó, modesto consolo para a sua alma apaixonada, pois reconhece que estarão separados para a eternidade. Reconhece-o, enquanto vai “morrendo devagar, muito devagar, quase sem dor”...

– Meu pecado foi grande demais, não tem perdão.

[...].

Lá em cima falo com Deus. Só a misericórdia dele me salva. Só. Deus que é velho. Vai ter pena de outro velho, não me joga nas profundas.

[...]

Ela está na luz divina não vai me olhar mais outra vez.

[...].

– Doutor, tem o dinheiro que o senhor está guardando pra mim, [...]. Mande me enterrar com decência, junto com ela, em chão de Deus. E se der sobra, mande botar uma pedra e uma cruz por cima de nós (p. 181).

Maria

Chamava-se Maria, Maria, apenas.

Esta sóbria apresentação do narrador já é tudo para credenciá-la: era Maria, simplesmente Maria e só Maria. Maria criança. Maria menina e moça. Maria mulher. Maria do povo (Maria de Deus?)...

Entretanto, informa ainda o narrador: “Criada em casa de gente rica, que mão pequena tinha para endoidar um cristão” (p. 33). (João da Grécia é um cristão como outro qualquer).

Criada em casa de gente rica, sim, pois que já nascera órfã. Seu pai, vítima também da injustiça social, fora assassinado por um tal de Juca, que já era dono do município todo, mas tinha “botado olho na terrinha do João [...]” (p. 36) – assim também se chamava. Morreu, “dizem que com as pernas e os braços partidos, que nem Nosso Senhor Jesus Cristo [...]” (p. 36), deixando a viúva em dificuldades, inclusive até ferida de rifle, pelo capanga do seu algoz. Filhos pequenos... e Maria ainda em fase de gestação... Nasce. Ato contínuo, tem a proteção do João da Grécia, amigo e companheiro do seu pai (em nome, sina e profissão) e que, solidário, empresta todo o seu apoio à mãe viúva, ajudando-a, mesmo, a criar a menina nos seus ensaios de vida:

– [...] Mandei buscar a bichinha, que tinha nascido viva e esperta. [...]: o sangue derramado se tinha juntado com o meu, não era o meu” (p. 37).

Com este enunciado de conotação profética, pode ser que João queira deixar bem claro que o sangue de Maria não corre pela sua veia, não estando, pois, na sua corrente biológica. Poderia ter sido, sim, sua filha ou neta, filha de criação, mas não o foi, não o é. Assim, pode casar tranquilamente com a moça. Não irá cometer incesto. Não irá cometer pecado. Por outro lado, nessa mesma conotação, pode estar, discretamente, insinuando que o seu destino, por força

do sangue, estará fadadamente ligado ao de Maria, em condição *sine qua non*. Justificativa de sua própria lavra, na intenção de convencer a si mesmo e a quem porventura o ouça – de que está certo, correto, agindo dentro da lógica e da lei, por bem e por direito. Os laços não são de parentesco, diz o próprio: “... ela é até parente perto de minha finada mulher” (p. 37)... Não poderia, pois, ser herdeira dos bens daquela (a mulher de João)... – no caso, o marido, seguindo a linha hierárquica dos valores...

O pré-determinismo, polaridade como a reger os destinos destes dois personagens tão controvertidos, mas de certo modo semelhantes, ou talvez, melhor dizendo, mutuamente atrativos, começa, então, a ser vislumbrado. Criada sem pai, privada do amor, da proteção, do apoio paternos, Maria é órfã, também, desses referenciais. Carente, portanto, desses valores afetivos-emocionais... Obrigada, por força de sua condição, a resolver seus problemas, a prover seu próprio sustento, com o trabalho na casa da família onde foi criada, poderá, vir a atingir uma maturidade precoce... Gestar, alimentar, portar, enfim, um *deficit* emocional que a leve a buscar, na fase adulta, um relacionamento erótico/afetivo com alguém que possa exercer-lhe, não apenas um papel afetivo-sexual, próprio do relacionamento marido-mulher, mas que também, de forma compensatória, venha a suprir-lhe a falta que teve, na infância, da presença paterna... João da Grécia, homem velho e experiente, parece (ainda que por intuição inconsciente) saber muito bem disso. Tanto é que, antes da sua partida para a Amazônia, recomenda-a, já sua esposa, ao juiz, entregando-a ao seu (dele) encargo, caso não volte:

– *Mas, se eu não enricar, não volto não. Aí o senhor me faz uma coisa: toma conta da Maria. Mas não deixe ela se casar com homem novo demais, ela precisa de apoio* (p. 61).

Ela precisa de apoio. Ei-lo, mais uma vez, pai zeloso do destino da filha, que (instintivamente) tão bem conhece...

Assim, entre os pontos extremos dos contrastes, há lugar, também, para os confrontos, onde se patenteia a simbiose de interesses psicológicos comuns. Se, por seu turno, reiterando, João necessita de uma filha a quem encher de cuidados, Maria, ela também, precisa de um Pai, a quem obedecer e em quem confiar...

Ambos aparentemente portadores – já o foi insinuado – do complexo de Electra, atraem-se, completam-se, buscando, um no outro, a imagem inconscientemente desejada. Em João da Grécia, Maria tem o Pai que não tivera. Como pai, ela o vê, como pai ela o segue, respeita e obedece. Ao aceitá-lo em casamento, pode ser que nem estivesse interessada em ter certeza de que o amasse, verdadeiramente, de que o desejava, como homem. Deixa-se apenas conduzir pela mão forte e protetora do “pai”. Não teria mesmo coragem para desobedecê-lo, tão poderosa é a figura e a influência do seu ídolo sobre si mesma. Ele, homem inteligente, dominador e perspicaz, toma o comando da situação, seguro do seu grande poder de persuasão:

– *Mas a Maria quer ou não quer, João?* – (fala do juiz, p. 61).

– *Ela tem lá coragem de negar?* – (fala de João da Grécia – idem).

Por outro lado, João da Grécia é a personalidade mais interessante da região. Másculo, preparado, ninguém faz mais bonito do que ele nas vaquejadas. Ninguém possui a audácia e a força que ele tem no enfrentar das onças. Ninguém sabe fazer artefatos de couro melhor do que ele... Ninguém melhor pra menino... “Fazia gaiola de buriti, armava arapuca, ensinava a soltar pião. Papagaio feito por ele subia mais alto. Conhecia o lugar do rio onde se podia banhar sem perigo de piranha e apanhava no mato araçá, puçá e bruto” (p. 21).

Para Maria, pode representar a autêntica figura do herói: temido e admirado. Casada com ele, quem sabe, poderá (na sua suposta maturidade precoce) ter garantido o seu *status* na comunidade, onde poderá ser chamada, precocemente, de “Siá Maria”... E tudo isso pode ser motivo de entusiasmo, para um coração adolescentemente adulto, sobretudo, levando-se em conta que, por trás de toda a ação humana, está sempre escondido um interesse (nocivo ou edificante), transparente ou simulado, consciente ou inconsciente... Com João, talvez, Maria experimente o sabor da aventura. Com ele, tudo poderá vir a ser diferente do contexto geral. Casada com ele, poderá, no quadro ostensivo dos contrastes (quem sabe), chamar a atenção sobre si mesma, tornar-se alvo de admiração (ou de espanto)... E se, por acaso, até então, não conseguira ser notada o bastante – como sempre acontece com as meninas pobres, criadas em casa de gente rica – terá, agora, a sua chance de se projetar na ribalta da vida e (talvez) até mesmo de satisfazer o seu ego (quicá narcisista), por ventura reprimido...

Os cinco anos que a separaram do marido deixaram-na mais amadurecida; porém, não menos submissa. Em verdade, não mais o esperava. Tanto tempo! Até parece não mais o querer seguir, de volta para casa... Se o faz, é mais por obediência e temor que por vontade livre. E agora, que ele chegou, assim, inesperadamente, sua natureza, até então ensolarada, começa a eclipsar-se de tristeza. E para sempre. Na despedida, ela já é outra mulher, conforme o expressa (e a seu modo) a irmã (dela), no paradoxo dos estados:

– *Nunca vi Maria tão alegre como ontem.*

– *Nunca vi Maria tão triste como hoje* (p. 96).

Segue-o, concentrada e submissa. Tudo por obediência. Nada por espontaneidade. Sempre calada, sem protesto. Como sempre lhe fora dado usar. Toda olhos e expressão. Tudo é tristeza no seu rosto. Tem medo de João... Medo de falar. E só o faz quando estritamente necessário e em voz quase inaudível. Mesmo seguindo para a morte, não se atreve a desobedecer o pai e senhor da sua vida. Não há outra alternativa. Foi o que a moral social, cultural e religiosa lhe ensinara: submeter-se ao marido; segui-lo, fielmente, para onde quer que seja “até que a morte os separe”... Segui-lo até para a morte? – perguntar-se-á, talvez, indecisa. “Sacramento de Deus deixou ela mais marcada de que ferro quente em bezerro novo” (p. 62)... Ao lado do temor e do respeito paternos, está ainda o complexo de culpa, gerado na desobediência cometida. Pois que desobedecera ao “Pai”, não o esperando em casa (no sítio em Humaitá), onde este a deixara. Sua consciência escrupulosa, de mulher simplória, como que a obriga, então, a purgar-se... ao aceitar o castigo, supostamente merecido, quicá, por força dos conceitos morais assimilados. Condenada à morte, sem apelo e sem remédio, sem encontrar quem lhe dê crédito, perante a

tranquilidade ativa do marido cuidadoso, não lhe é possível vislumbrar outra saída a não ser entregar-se, vencida, ao seu destino. Todas as portas em que bate, se lhe apresentam fechadas. A velha Ana é a sua única aliada. Frágil, aliada, face o determinismo que dirige sua vida.

A esperança lhe é outra força propulsora, nesta sua caminhada submissa. Ainda mais depois que fez a sua confissão e o padre a tranquilizou com um paliativo:

– *Ele não vai fazer uma malvadeza dessas com você. Se ele está dizendo que não... Você o conquista com o seu amor, sua dedicação. Seu dever de mulher é acompanhar o marido* (p.174).

Seu dever de mulher é acompanhar o marido, está determinado, a viagem é longa e agora é tarde para entender o logro em que caíra. A lâmina já brilha no alto, para descer, num átimo, na força androcêntrica de um complexo de inferioridade, no ódio daquele a quem se entregara sem reservas. *A morte vive no ar...* (verso do poema Ressurreição de Odylo Costa, filho. In: *Odyliada*, p.42). E João da Grécia não é homem de voltar atrás numa decisão tomada. Se uma vez, apenas, durante a viagem, vacilara, enlevado pelo doce abandono de Maria, quando da doença, levado à justiça, denunciado pela velha Ana, torna a intoxicar-se com o antigo ódio. A faca, de que já se desfizera, arrependido do propósito, pede-a, de volta, ao tripulante (a quem a dera e presente), trocando-a por um anel. E volta às suas nefastas ruminções. E assim, ao olhar “aquele corpo que acabara de ser seu, cresce aquele sangue na sua vista”. Acostumado a dominar os bichos, no “prazer de sangrá-los”, tudo se lhe torna, momentaneamente, simples. O sadismo, alentado “nos ossos do ofício”, facilita a cruenta operação.

E ele, que ainda não completara todo o aprendizado na escola do amor, caprichoso, obstinado (e inferiormente complexado), como sempre o fora...

[...] *Nunca perdi nada em que me meti, nunca deixei de conseguir nada do que quis* [...] (p. 61).

... não aprendera, portanto, o *perfeito e infalível princípio de toda a vida...*

Estilo/criatividade

O estilo é o próprio autor: simples como água e pão; natural como riacho cantando em jussaral. É a voz do Nordeste a soar nos acordes da romanesca odyliana. Sóbrio e magnificamente expressivo, traduz o admirável poder de síntese do seu criador – escritor disciplinado e elegante que sempre foi. E é na linearidade de um estilo marcado por frases curtas e incisivas, descrições breves, mas de grande vigor sugestivo, que o autor oferece, ao leitor, oportunidade para recriar o ambiente e as cenas elípticas no poder de captação das imagens, no resgate memorialístico...

É nas páginas de *A faca e o rio* que transparece o jornalista habituado à crônica diária, capaz de traduzir em poucas – mas precisas e preciosas – palavras, tudo o que lhe é dado expressar, sem se deter a longas e prolixas descrições. Pródigo em conteúdo, exíguo em páginas, o texto de Odylo presta-se ao cinema, ao teatro, desenho animado, musical para crianças, balé... E aí está o seu *status* de obra-prima.

Originalíssimo, no enfoque da temática e do enredo, como na estruturação de um conteúdo ajustadamente inserido no contexto nordestino, Odylo revela-se um criativo em potencial. Sem ter que recorrer aos mistérios, às tiradas excepcionais, consegue, do ângulo da simplicidade que lhe é peculiar, ir prendendo a atenção do leitor à trama do enredo, motivando-o a seguir, de um só fôlego, desde o princípio até o fim da última linha narrativa, passando pelas emoções do clímax da tensão dramática onde, num processo ascensional, lento e calmo, se vai acumulando, para explodir de vez, o suspense da história – que, a partir daí, desce numa curva, perfazendo todo o ciclo (evolutivo e involutivo) do curso narrativo, num despertar de interesses, sempre vivo, que não arrefece, mas emociona, cativa, enleva... E, justamente, no somatório dos fatores argumento e linguagem, reside o ponto alto da originalidade criativa desse autor.

Estritamente fiel ao Nordeste e aos seus tipos humanos característicos, o maranhense consegue refletir, no espelho narrativo, ambiente e personagens na mais fidedigna autenticidade. Paisagens, costumes, gestos, linguagem, modo de dizer, tudo tipicamente nordestinos. Assim é que, seja nas situações coloquiais; seja no desenrolar do enredo, narrador e personagens são traduzidos num estilo e numa linguagem genuína da região em destaque. Toda a história, pode-se aventar, é comunicada num autêntico regionalismo nordestino.

Obra de grande efeito literário e de grande força de concepção, não poderia situar-se em outro plano que não o do Regionalismo, que tanto tem frutificado, primorosamente, na Literatura Brasileira Contemporânea. Enfocando, além da problemática João e Maria – causada pelo amor às avessas – o problema da injustiça social, que tanto aflige o caboclo do Nordeste, o homem do campo, em todos os tempos e espaços, consegue ser, ao mesmo tempo: atual, regional, universal.

Tecendo habilmente os fios da trama, de modo a permitir com que a dúvida permaneça no ar, o autor põe em prática mais um importante recurso de sua criatividade. Em verdade, a dúvida *paira no ar*, cristalizada no contexto da história, para se instalar na mente do leitor que, só por meio de uma reflexão racional e lógica, poderá optar quanto à possível infidelidade de Maria. E o trecho a seguir poderá fornecer subsídios para essa reflexão... Que se o leia:

Maria não diz nada, de cabeça baixa, silenciosa e desesperados olhos. Não tem para onde ir. Treme.

O Dr. Genésio considera, pergunta:

– E a senhora, o que diz, dona?

Mal consegue falar, é preciso que repita mais alto:

Ele tem uma faca...

Mas não chora.

Torce as mãos, enxuga-as no vestido.

Diz também:

Eu tinha fome... (p. 163)

Não se pretende, nesta oportunidade, desfazer enigmas, pulverizar dúvidas. Que continue, pairada no ar, a dúvida, levando ao raciocínio, ao exercício reflexivo, às possíveis e variadas conclusões, conferindo, à narrativa, o caráter de obra aberta... E, sobretudo, ao contato direto, com a obra completa...

O regionalismo nordestino é, sem dúvida, a característica dominante, a marcar toda a criação literária de Odylo Costa, filho, vindo a se constituir no ponto de maior convergência entre sua poesia e prosa de ficção.

Odylo foi de um regionalismo capaz de traduzi-lo patriota da mais viva expressão de amor e devoção a sua Terra e a sua Gente. Como regionalista, realça os valores culturais de sua região (Maranhão Piauí). Como regionalista, chega a imprimir, na sua poesia, as mais autênticas estampas nordestinas: [...] *cavalo de campo / sela de vaqueiro / gibão e perneira / sujos de atoleiro [...] vaqueiro rude / de sela rasgada... [...]*. E é ainda como regionalista, que o ficcionista contradiz o poeta que declara: *Não quis a epopéia / o hino marcial / o sonho a utopia / denúncias do mal...* Porque, ao construir, em sua obra, a figura de João da Grécia, na tensão idílio/realismo, campo/cidade, oralidade/letra, Odylo não faz mais do que, nas entrelinhas, retratar (denunciar?) uma sociedade injusta, apta a semear a revolta no coração de tantos Joões-ninguém que vivem à margem da vida... Joões-ninguém, que podem vir a se transformar em Joões-da-Grécia, predispostos à fatalidade das tragédias gregas. Em verdade, João da Grécia não representa um tipo humano isolado, mas individualiza e somatiza o protótipo/esteriótipo de toda uma espécie explorada e expoliada nos seus mais sagrados direitos. Pode-se inferir, pois, que no contorno dos seus personagens, nosso ficcionista deixa, incrustadas, as suas *denúncias do mal*, pondo em evidência a situação do caboclo, do homem do campo – vaqueiro, agricultor – os Joões-sem-terra, nordestinos de ontem e de hoje, cuja problemática ainda vige. Através de suas personagens, Odylo reivindica direitos humanos violados, grita, mudamente, por justiça e dignidade para todos.

Na personagem Maria, Odylo retrata o perfil da mulher brasileira, da nordestina ainda submissa e subjugada. Maria é a marca registrada da mulher de sua região, da mulher universal, que ainda não conquistou o seu espaço, que ainda não construiu de todo a sua libertação, que ainda não criou asas para a liberdade. O romancista ainda deixa, nas entrelinhas, circunscrita, a sua mensagem, o seu grito de alerta, em favor de uma casta (feminina) desprivilegiada e ainda presa de um machismo criminoso e escravizante.

Enquanto vai mostrando a condição deprimente da mulher nordestino/brasileira, Odylo vai tecendo, para a humanidade, uma séria advertência... quanto ao perigo das relações humanas onde predomina o choque brutal dos contrastes, sobretudo, em situações que implicam manipulação, assimilação, absorção... anulação de valores personalísticos, mútua e/ou individualmente.

No regionalismo universal de sua mensagem, Odylo pode ser considerado épico e moderno...

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Dinacy. **Odyliada - uma lição de amor**. São Luís-Ma.: Secma/Sioge, 1989.

COSTA, filho, Odylo. **A faca e o rio**. (Romance adaptado pelo autor. Prefácio de Raimundo Moniz Aragão e Ilustração de Virgílio Costa) Rio de Janeiro: MOBRAL/INL, José Olympio, 1974.

_____. **Boca da noite**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.

_____. **Notícias de amor**. Rio de Janeiro: Arte-Nova, 1976.

_____. **Cantiga incompleta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.